

Uma luta no Museu do Ipiranga

Dia frio, mais um palestrante, e as intermináveis palavras com slides. Meu chefe, há uns dois metros de distância, estava sentado ao lado do professor estrangeiro. Americano, se não me engano. Eu, mais atrás, com duas amigas ao lado, uma delas batendo o calcanhar no chão (revelação discreta do conteúdo entediante da fala). Enfim, os agradecimentos, e a aula acabou. Levantávamos pacientemente para ir almoçar, quando senti uma mão no meu ombro; meu chefe. Alcançara-me e queria apresentar-me ao estrangeiro, que esbaforido estava logo atrás dele.

- Prof. Brown, gostaria de apresentar-lhe minha pós-graduanda Vanessa – disse ele em um inglês impecável.

- Muito prazer, seja bem-vindo a São Paulo.

- Obrigado – disse ele no idioma estrangeiro.

Então, meu chefe passou a sussurrar em Português, como se o estrangeiro simplesmente não estivesse ali e não fosse perceber que ele me dizia algo que não deveria ser ouvido: “Vanessa, poderia por favor levar o Prof. Brown a um passeio nesta tarde?? Estou com compromissos, não consigo. Ele nunca esteve em São Paulo.”

Caramba, bem na hora do meu almoço! Onde poderia levá-lo? Quase cai de costas. Planejava uma tarde tranquila e preguiçosa, sentada em uma poltrona confortável durante o evento, com meus pés folgados descansando do sapato social. Olhei para as duas, do meu lado, que disfarçadamente tentavam escapar. Não precisei de palavras, elas entenderam a mensagem: “vocês vão juntas” Afinal, amiga é amiga, não é?

De repente, uma lista de pontos turísticos apareceu diante de mim, na minha mente. E, junto com ela, toda a discussão logística, a descrição de conteúdo, o que poderia

ser mais interessante. Enfim, o pensamento foi caminhando e retrocedendo na história, e nada mais interessante do que ir para o começo dela. São Paulo e o seu começo. Ou o começo do Brasil que se deu em São Paulo – o Museu do Ipiranga! Almoçamos e.... Partimos na expedição ao passado.

Prof. Brown achou o máximo nossa ideia. Eu, no meu inglês com tropeços, minhas amigas eram campeãs de mímica, e nada como pegar um táxi para irmos até o ponto escolhido. Iriamos a uma aventura onde tudo começou no Brasil.

No caminho, histórias, descrição de paisagens, informações sobre monumentos, e a história entrecortada pelas buzinas da cidade. São Paulo mistura o contemporâneo na história, o popular no erudito, a natureza espremida pelas avenidas. Pessoas e prédios, e trânsito sem fim. Eis que surge um monumento, um prédio: “É aqui”. E fomos comprar os ingressos.

Já fui muitas vezes no Museu do Ipiranga: às vezes com escola, às vezes com família. Às vezes apenas para curtir o espaço, o jardim belíssimo, às vezes somente para aprender a história. Mas aquela vez, sim, foi diferente. Éramos mais do que visitantes, éramos anfitriãs com um convidado. Passamos por quadros, esculturas, história e arte, e eis que o surge como que do nada o apogeu, momento cênico: passávamos pela história das lutas pela independência, e batalhas posteriores. Eram armas e espadas, tiros e golpes, e para explicar ao professor estrangeiro o que realmente aconteceu, minha amiga apelou para a representação. Pouco falando inglês, era simplesmente emitiu um: “*Bang, bang, bang*”, como quem aponta uma arma com seu indicador. O momento não poderia ser mais aterrorizante. No ar, a comédia ficou suspensa: era para rir ou era para chorar? E uma sonora gargalhada ecoou pelos corredores.

Foi a representação de luta mais espontânea e emocionante que o Ipiranga talvez tenha visto. E acho que o Prof. Brown nunca se esquecerá do que viveu e aprendeu naquele dia no museu.